

**SUJEITO, ESPAÇO E IDENTIDADE
EM “A MULHER QUE PRENDEU A CHUVA”,
DE TEOLINDA GERSÃO**

Fabiana de Paula Lessa Oliveira (UFRJ)

fabiana-lessa@ig.com.br

Marlene dos Anjos (UFRJ)

mrlndosanjos2@gmail.com

A identidade torna-se uma celebração móvel: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam.

Stuart Hall

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar o conto “A mulher que prendeu a chuva” (2007) da escritora portuguesa Teolinda Gersão, abordando as noções de sujeito, espaço e identidade. A narrativa concentra-se em um quarto de hotel (de cinco estrelas), espaço compartilhado por um homem de negócios, supostamente europeu, e duas “criadas negras”, pondo frente a frente dois universos culturais marcados pela diferença: o europeu e o africano. E a consequência desse encontro é de estranhamento ou respeito e tolerância diante da diversidade? Para tal análise, utilizam-se os textos de Boaventura de Sousa Santos (2010), Eduardo Lourenço (1994), Stuart Hall (2006), entre outros.

Palavras-chave: Sujeito. Espaço. Identidade. Teolinda Gersão.

1. Introdução

O conto apresenta-nos o cotidiano de um homem, narrador-personagem, que viaja frequentemente a Lisboa a negócios, nem sempre se sente à vontade na cidade, mas “muitas coisas insólitas já não [o] sur-

preend[e]m” (GERSÃO, 2007, p. 77), embora o aborream, tais como os acontecimentos de sua última estada: o quarto que reservara em um hotel (de cinco estrelas) estava ocupado; duas funcionárias, de origem africana, entraram na suíte para a limpeza antes de sua saída, causando-lhe incômodo; enfim, percebe-se um questionamento por que isso acontece na capital do país. Além disso, as mulheres não notaram a presença do hóspede, conversavam livremente, até que uma delas começa a contar a história da mulher que prendeu a chuva. Inicialmente, o narrador pensa em pedir-lhes que saíssem e voltassem depois, mas foi sendo envolvido na trama. Ficou ouvindo, enquanto arrumava a mala. Ao final, sentiu-se subitamente desconfortável e rompeu a porta, surpreendendo as “criadas negras” (GERSÃO, 2007, p. 79). Portanto, nesse espaço de trânsito /passagem, observa-se um desencantamento com esse mundo outro. E os sujeitos vão repensando-se e sendo repensados.

Vale destacar que há uma história dentro de outra. Inicialmente, o narrador-personagem relata suas experiências pessoais. Mais adiante a sua voz se alterna com a da “criada negra”, que conta uma lenda africana, sendo visíveis as diferenças culturais. Essa proximidade faz com que a narrativa seja profundamente parcial, impregnada do ponto de vista do narrador.

É inegável que a globalização proporcionou uma maior integração entre os países, principalmente, na área econômica. Houve também uma diluição das fronteiras nacionais/geográficas, “uma compressão espaço-tempo” (HALL, 2006, p. 69), ocasionada pelos avanços tecnológicos. No entanto, a ideia de mundo como uma “aldeia global”, do ponto de vista social, ainda não se concretizou. Nesse aspecto, as fronteiras são bem demarcadas. É permitida a livre circulação de bens de consumo, sob determinadas condições, mas não de pessoas, especialmente, as vindas de países periféricos em busca de melhores condições de vida. Por vezes, as pessoas podem entrar nos países, mas não necessariamente são incluídas socialmente.

Se no período colonial, vê-se a ida de europeus para a África, após a descolonização, tem-se o processo inverso. Algumas pessoas oriundas de países colonizados migraram para as antigas metrópoles em decorrência de diversos fatores, como: pobreza, seca, fome, guerra civil, confrontos políticos etc. Esse fato teve um papel relevante na configuração das identidades nacionais que inevitavelmente sofreram certa influência. E nesse contato entre culturas diferentes, novas identidades vão sendo construídas; e as antigas, repensadas e/ou reforçadas.

2. *Desenvolvimento*

Inicia-se o conto com a voz do narrador-personagem sobre sua constante ida a Lisboa em viagens de negócios. Apesar de ir constantemente à cidade, “se não todos os meses pelo menos de seis em seis semanas” (GERSÃO, 2007, p. 77), o que torna os lugares por onde passa com frequência a certa altura familiares, sente-se muitas vezes um estrangeiro nela. Segundo Tomaz Tadeu da Silva (2013, p. 88), “a viagem obriga quem viaja a sentir-se ‘estrangeiro’, posicionando-o, ainda que temporariamente como o ‘outro’”. É comum essa ideia de não pertencimento quando estamos em lugares que não nos identifica.

O narrador vê Lisboa de modo contrariado, não aceita as falhas na organização em um hotel de cinco estrelas, embora o gerente tenha pedido desculpas e concedido-lhe a suíte presidencial, “que ocupava o último piso do hotel” (GERSÃO, 2007, p. 78), símbolo de *status*, sem qualquer acréscimo no preço. O espaço que lhe fora reservado era suntuoso, certamente ocupado por personalidades de diversos meios: artístico, esportivo, político etc. Enfim, mais adequado a personagens VIP do que a homens de negócios com o tempo contado ao minuto. Seu ritmo de trabalho era tão intenso que não lhe possibilitou desfrutar de todo o conforto disponível.

Foi só na última manhã que tive a oportunidade de retirar algum prazer do lugar luxuoso onde me encontrava. Tomei um banho bem demorado, numa banheira a que quase poderia chamar de piscina, deixei-me massajar por um sofisticado sistema de jacuzzi, barbeei-me diante da parede de espelhos, e mandei servir o pequeno-almoço na varanda. Vesti-me depois e comecei a fazer a mala sem nenhuma pressa, porque ainda eram nove e cinco, só tinha que fazer o *check in* às dez e vinte e sabia que o táxi não levava habitualmente mais de quinze minutos do hotel ao aeroporto. (GERSÃO, 2007, p. 78-79).

É interessante observar a sequência das ações e a marcação do tempo. A vida dele é ordenada e cronometrada, move-se em função do relógio, ao encontro da ideia difundida no mundo capitalista de que “tempo é dinheiro”. Segundo o historiador Eric Hobsbawm, foi devido à indústria e sua rígida disciplina que se tornou necessário o controle do tempo por meios artificiais, levando ao surgimento do relógio como instrumento para efetuar esse controle.

O trabalho industrial, principalmente o que é realizado em uma fábrica mecanizada, impõe regularidade e rotina totalmente diferentes dos ritmos pré-industriais de trabalho – que dependiam da variação das estações e do tempo, dos caprichos de outros seres humanos ou de animais e até mesmo o desejo de se divertir em vez de trabalhar.

Os artesãos, por exemplo, gostavam de começar a semana apenas na terça-feira, o que levava seus patrões ao desespero. A indústria trazia consigo a tirania do relógio e a medida do tempo não em estações, semanas ou dias, mas em minutos. A partir da Revolução Industrial passou a existir, acima de tudo a regularidade mecanizada do trabalho, que se chocava com a tradição e com a falta de condicionamento da população. Como as pessoas não aceitavam espontaneamente esses novos costumes, tinham de ser forçadas por leis, disciplina, multas e salários tão baixos que somente o trabalho incessante e sem interrupções permitia ganharem o suficiente para sobreviver. (HOBBSAWM, 2000, p. 80).

Observa-se, portanto, o controle das ações pelo tempo. Seu dia-a-dia é extremamente organizado, mecanizado, age como uma máquina. Assim se resume o estilo de vida de um homem de negócios. Além disso, a presença da solidão é evidenciada.

Esteve só o tempo que ficou no hotel, de repente se surpreende com “duas mulheres, duas criadas negras” (GERSÃO, 2007, p. 79), ao olhar pela porta entreaberta de uma sala contígua ao quarto de dormir. Como já estava de partida, não pede para saírem e continua arrumando a mala. Percebe que conversavam, “uma delas, sobretudo, era a que falava, a outra limitava-se a lançar interrogações, ou emitir sons, de quando em quando. Eram duas vozes diferentes, que se manifestavam de maneira desigual” (GERSÃO, 2007, p. 79-80). A partir de então, uma voz sobressai-se: a de quem narra a história da mulher que prendeu a chuva. A tradição oral é marcante em África e ela se vê resgatada no conto, especialmente, na interação entre quem conta e quem ouve, e vale ressaltar que “vai além da voz, fazendo-se corpo e gesto e interseccionando, assim, narrativa” (PADILHA, 2007, p. 18).

É importante retomar a imagem da “porta entreaberta”, porque é através desse entrelugar que o narrador-personagem realizará outra viagem, rumo a um espaço desconhecido, onde perderá o controle do tempo. A porta representa a fronteira entre dois mundos social e culturalmente diferentes, tendo em vista que de um lado encontra-se o homem europeu, e de outro, a mulher africana. E o fato da porta não está totalmente fechada pode ser visto como um convite para ele adentrar nesse universo. Mas, inicialmente, recusa-se a ultrapassá-la. Corroborando a discussão, Chevalier e Gheerbrant afirmam (2009, p. 734-735):

A porta simboliza o local de passagem entre dois estados, entre dois mundos, entre o conhecido e o desconhecido, a luz e as trevas, o tesouro e a pobreza extrema. A porta se abre sobre um mistério. Mas ela tem o valor dinâmico, psicológico; pois não somente indica uma passagem, mas convida a atravessá-la. É o convite à viagem rumo a um além...

De fato, a porta entreaberta é um convite. Ele aproxima-se, observa, pensa em atravessar, mas permanece no seu conhecido mundo. No entanto, quando uma das mulheres começa a contar a história da mulher que prendeu a chuva, aos poucos vai adentrando nesse universo desconhecido, misterioso e envolvente que é o africano. Confessa-se perdido por alguns instantes: “E de repente, quando entreabri uma das portas, na sala ao lado estava um pedaço de África, intacto, como um pedaço de floresta virgem. Durante sete minutos, exatamente durante sete minutos, fiquei perdido dentro da floresta” (GERSÃO, 2007, p. 83).

O texto desperta o prazer de contar e de ouvir histórias que se tem perdido na contemporaneidade. Diante de um mundo extremamente dinâmico, com entretenimentos vários, atitudes simples não são cultivadas, como: o ato de ler coletivamente. A falta de tempo, devido ao acúmulo de funções, também leva a abandonar o hábito de contar histórias. O próprio narrador não para para ouvi-la, como se observa. Por outro lado, as mulheres dão uma pausa a fim de que a história seja tecida.

Contar histórias sempre foi a arte de contá-las de novo, e ela se perde quando as histórias não são mais conservadas. Ela se perde porque ninguém mais fia ou tece enquanto ouve a história. Quanto mais o ouvinte se esquece de si mesmo, mais profundamente se grava nele o que é ouvido. Quando o ritmo do trabalho se apodera dele, ele escuta as histórias de tal maneira que adquire espontaneamente o dom de narrá-las. E assim essa rede se desfaz hoje em todas as pontas, depois de ter sido tecida, há milênios, em torno das mais antigas formas de trabalho manual. (BENJAMIN, 2012, p. 221).

Walter Benjamin, ao abordar sobre o narrador, distingue dois grupos: o “camponês sedentário” – aquele que narra as suas experiências de dentro da terra – e o “marinheiro comerciante” – é o que está fora da terra e narra suas vivências com olhar distanciado.

A experiência que passa de boca em boca é a fonte a que recorreram todos os narradores. E, entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos. (...) “Quem viaja tem muito que contar”, diz o povo, e com isso imagina o narrador como aquele que vem de longe. Mas também escutamos com prazer o homem que ganhou honestamente sua vida sem sair de seu país e que conhece suas histórias e tradições. (BENJAMIN, 2012, p. 214).

Contar histórias sempre esteve presente no cotidiano do ser humano, primeiramente nas narrativas orais, passadas de geração a geração para a preservação da tradição, por meio de mitos e ritos, até a sua passagem para a escrita. Mas o objetivo primeiro do contar sempre foi transmitir uma experiência, um ensinamento, como se vê na narrativa africana. Na narrativa primeira, observa-se o “marinheiro comerciante”, afas-

tado de sua terra, ele narra as suas vivências com olhar de fora. Já, na segunda narrativa, a mulher, mesmo longe da terra natal, recupera sua história, preservando suas tradições.

Percebe-se, na visão de mundo africana, uma integração entre o homem e a natureza. Sendo assim, as narrativas – lendas, mitos – recriam esse universo que tem como essência a força vital. “Tal força faz com que os vivos, os mortos, o natural e o sobrenatural, os elementos cósmicos e os sociais interajam, formando os elos de uma mesma e indissociável cadeia significativa” (PADILHA, 2007, p. 26, *apud* Alassane Ndaw). Esse modo de olhar contrapõe-se com o do homem branco/europeu, como ao longo da história da humanidade se observou e também fica claro nas histórias que se cruzam no conto.

O enredo da narrativa africana inserida no conto gira em torno da falta de chuva na aldeia e de suas consequências devastadoras:

Tudo tinha secado, a terra abria fendas, ouvi a mulher dizer ainda. Greta-da da falta de água. A terra tinha feridas na pele. Animais morriam. Pessoas morriam. Crianças morriam. O ribeiro secou. O céu secou. As folhas torciam-se nas árvores, e depois também as árvores secavam. (GERSÃO, 2007, p. 80).

No fragmento acima, há uma alternância das vozes dos narradores. E a diferença entre elas vai além da marcação gráfica, observa-se que o narrador (do texto 1) utiliza o pretérito perfeito, expressando uma ação concluída, acabada. Tempo breve, incisivo, terminado. Já a narradora (do texto 2) emprega o tempo pretérito. Quando utiliza o pretérito mais-que-perfeito, expressa uma ação finda no passado, que ocorre antes de outra, também passada e acabada, como “Tudo tinha secado”. No pretérito imperfeito, por sua vez, a ação expressa é habitual ou ainda está inacabada: “Animais morriam. Pessoas morriam. Crianças morriam. (...) As folhas torciam-se nas árvores, e depois também as árvores secavam” (GERSÃO, 2007, p. 80). Acentua-se o tempo distensivo e impreciso. Era preciso restabelecer a ordem.

Algumas pessoas acreditavam que a culpa daquela situação caótica era de uma mulher, que de tanto chorar, após ter sido abandonada pelo marido e perdido seu único filho, prendera a chuva. “Outros diziam que não. Ninguém sabia ao certo” (GERSÃO, 2007, p. 81). Diante do impasse, decidem consultar o feiticeiro:

Até que chamaram o feiticeiro. Acenderam o lume e queimaram ervas e ele bebeu o que tinha que beber e ficou toda a noite a murmurar palavras que ninguém entendia. Pela manhã vieram os Mais Velhos e ele disse que era por

causa daquela mulher. Foi isso que ele disse e todos ouviram: Aquela mulher prendeu a chuva. (GERSÃO, 2007, p. 81).

Como se vê, o feiticheiro exerce uma função social importante na cultura africana: é aquele capaz de se comunicar com seus ancestrais. Todavia, os mais velhos são os que possuem a sabedoria para compreendê-lo.

Nesta visão de mundo africana, ligada à noção de força vital, a velhice é uma etapa da existência humana a que todos aspiram, pois a crença na sobrevivência, na continuidade da vida e no culto dos antepassados privilegia os anciãos, que são o vínculo entre os vivos e os mortos. (KABWASA, 1982, p. 14).

Após a sentença proferida pelo feiticheiro, “ficaram parados, como se esperassem. Todos os da aldeia, sentados debaixo de uma árvore. E o tempo também parou, e não passava” (GERSÃO, 2007, p. 81). É o tempo do silêncio para a reflexão. Mais uma vez a natureza está presente na narrativa e funciona como espaço de socialização, conforme se observa no fragmento acima. A presença das árvores é comum na literatura africana de língua portuguesa, que, geralmente, as situam como intermediárias entre as divindades e os humanos. Segundo Chevalier e Gheerbrant (2009, p. 84), elas podem adquirir caráter sagrado, mas nem todas o são. Sagradas são as árvores que estão inclusas nos bosques sagrados, aqueles que são locais de culto mesmo se encontrando isoladas, por exemplo, onde se comunica com os antepassados. Além disso, a árvore, como elemento da natureza, é considerada essencial para o equilíbrio de forças do universo.

A sentença fora decretada independentemente da vontade dos homens. Como ela era considerada culpada, precisava ser morta para que a vida fosse restabelecida na comunidade. Diante do abandono e da perda, a mulher isola-se da aldeia, do convívio social tão importante para as relações humanas. Assim, sofre o processo de coisificação: “o seu corpo tinha secado, os seus olhos tinham secado, toda ela se tinha tornado um tronco seco, dobrado para o chão. Tinha se tornado bravia como um animal, nunca se ouvia falar, só gemia, e gritava às vezes de noite” (GERSÃO, 2007, p. 81). Sendo assim, o banimento leva-a a perder as características e/ou as referências humanas, como a própria linguagem articulada.

Apesar do isolamento em que ela vive, o jovem, que se oferecera para o sacrifício, envolve-a e, em seus braços, sente-se aceita, inclusa. O corpo do rapaz parece suprir a sua carência existencial, trazendo-a à vida. Mas “como se fosse outra vez fazer amor com ela, apertou mais e mais,

em torno do pescoço até sufocá-la. E depois veio cá fora da cabana, com a mulher nos braços e deitou-a na terra e todos caminharam em silêncio em volta” (GERSÃO, 2007, p. 82). Não se pode deixar de mencionar que a articulação do pescoço é a primeira pela qual a vida se manifesta, considerada “energia geradora”. Inversamente, é a última manifestação vital do agonizante, segundo Chevalier e Gheerbrant (2009, p. 714-715). Cumpre-se, assim, o ciclo da vida: “esta vida eterna é vista como um movimento circular, que vai do nascimento à morte e da morte ao nascimento” (KABWASA, 1982, p. 14). Portanto, dar-se-á a simbiose entre o corpo e a terra. Concluindo o ritual, os habitantes caminham ao redor do corpo em silêncio.

“E então começou a chover” (GERSÃO, 2007, p. 82). A simbologia da chuva é um tema difundido em diversas culturas. Segundo Chevalier e Gheerbrant (2009, p. 235-236), “A chuva é universalmente considerada o símbolo das influências celestes recebidas pela terra. É um fato evidente o de que ela é o agente fecundador do solo, o qual obtém a sua fertilidade dela”. A chuva ordena o caos, ou seja, a morte da mulher.

Renato Cordeiro Gomes, em “Narrativa e paroxismo – será preciso um pouco de sangue verdadeiro para manifestar a crueldade?”, aponta que a crueldade não consiste somente no derramamento de sangue, mas, antes de tudo, “de uma crueldade ontológica, ligada ao sofrimento de existir e a miséria do corpo humano” (GOMES, 2004, p. 144). Partindo dessas reflexões, a crueldade pode ser vista como ontológica na narrativa. A dor existencial da mulher, diante das perdas e da exclusão social, leva-a a agir de tal forma. E a morte pode ser vista como a redenção.

Enquanto as mulheres retornam a realidade, pois a impressão que se tem é que elas estavam em outro tempo – o tempo mítico – como aponta o narrador: “A mulher que falava tinha parado de limpar. A segunda mulher também parara, e olhava fixamente a primeira. O pano, os detergentes e o carro de limpeza não tinham, naquele instante, existência real para nenhuma delas” (GERSÃO, 2007, p. 80). Por outro lado, o homem de negócios preocupa-se com o horário, pois também estivera em outro tempo que não o retilíneo e o controlado; e em outro espaço – a própria África não influenciada pela “civilização”. Desta vez, ultrapassa a porta.

“Peguei a mala, abri por completo a porta, fazendo o máximo ruído que pude, e passei de rompante diante das mulheres, que me olharam

com surpresa e emitiram um “ah” espavorido, como se tivessem visto um fantasma”. (GERSÃO, 2007, p. 83).

Retomando o questionamento inicial: e a consequência desse encontro é de estranhamento ou respeito e tolerância diante da diversidade? O viajante parece não aprovar a história que acabara de ouvir.

Algo, em toda aquela história, me deixara ligeiramente irritado, naquela incrível conversa de mulheres que, por alguma razão irracional, eu tinha ficado, estupidamente, a ouvir – eu, que nunca escuto conversas, muito menos conversas de mulheres. Olhei o relógio outra vez e calculei o tempo que me separava da cidade onde eu vivia, noutra parte da Europa. (GERSÃO, 2007, p. 83).

O homem julga-se pertencer a uma cultura civilizada/superior, mas não respeita o outro e a diversidade cultural existente, pode-se chamar isso de civilidade? Seu discurso está impregnado de uma visão preconceituosa e machista, ao afirmar que foi uma atitude irracional ouvir a conversa das mulheres. Além disso, menospreza a própria cidade de Lisboa, calcula o tempo que o separa de outra parte da Europa. Sua imagem reflete a visão estereotipada do homem europeu dos países centrais⁵², como expressa Boaventura de Sousa Santos (2010, p. 152):

o único povo europeu que, ao mesmo tempo em que observava e considerava os povos das suas colônias como primitivos ou selvagens, era, ele próprio, observado e considerado, por viajantes e estudiosos dos países centrais da Europa do Norte, como primitivo e selvagem.

Alguns modelos perpassam os séculos.

De volta à cidade onde vive, no avião, relembra os dias em Lisboa e a narrativa africana parece ainda incomodá-lo, como se precisasse falar/narrar para que os últimos acontecimentos fossem se desprendendo dele.

Passei dois dias em Lisboa, e, pelo preço de um quarto *standard*, ocupei uma suíte improvável, contei a mim próprio: devia ter umas quinze divisões, além de varandas imensas e de uma banheira-piscina. E de repente, quando entreabri uma das portas, na sala ao lado estava um pedaço de África, intacto, como um pedaço de floresta virgem. Durante sete minutos, exatamente durante sete minutos, fiquei perdido dentro da floresta.

⁵² Eduardo Lourenço, em *Nós e a Europa ou as duas razões* (1994), desenvolve a ideia de que Portugal não se vê como país europeu, ao mesmo tempo em que deseja fazer parte da Europa “civilizada”, desenvolvida e industrializada. Por sua vez, Boaventura Santos afirma que “durante séculos, a cultura portuguesa sentiu-se num centro apenas porque tinha uma periferia (as suas colônias). Hoje, sente-se na periferia apenas porque lhe é imposto ou recomendado um centro (a Europa)” (SANTOS, 2010, p. 153). Portanto, Portugal é visto como um país periférico ou semiperiférico, se comparado a Europa.

Sorri interiormente, imaginando-me a contar isso a outra pessoa, por exemplo ao passageiro do lado, ou à hospedeira que acabava de me servir um uísque. Toda a gente iria achar que eu estava bêbado, ou era louco.

Mas não estava bêbado nem era louco, pensei sorrindo de novo e recostando-me melhor na cadeira. Não havia nada de errado comigo. Lisboa é que não era, provavelmente, um lugar normal. (GERSÃO, 2007, p. 83-84).

Diante disso, qual é a imagem de Lisboa? E o que seria um lugar normal? Talvez esses questionamentos no conto possam ser justificados historicamente, “Portugal nem foi nunca semelhante às identificações culturais positivas que eram as culturas europeias, nem foi nunca suficientemente diferente das identificações negativas que eram, desde o século XV, os outros, os não europeus” (SANTOS, 2010, p. 151).

3. Considerações finais

No conto, os dois universos – europeu e africano – são confrontados, marcados por um tempo que se faz presente em toda a narrativa. De um lado, a perspectiva eurocêntrica representada pelo homem de negócios, que trabalha incessantemente, nem consegue chegar mais cedo ao hotel para aproveitar o conforto da suíte presidencial; de outro lado, as “criadas negras” que não se preocupam em controlar o tempo, param as tarefas durante o expediente para contar uma história. Observa-se o tempo linear, implacável e veloz do hemisfério norte, por oposição ao tempo distendido e lento do hemisfério sul. Vale ressaltar que o valor dado a palavra oral pelas mulheres encontra-se nas raízes da cultura africana, é através dela que as experiências são transmitidas de geração em geração, além dos costumes, crenças, valores. A palavra é vista como “uma força fundamental que emana do Ser Supremo” (HAMPÂTÉ BÂ, 1993, p. 16). Diferentemente, é o homem europeu/ocidental em que o valor está na palavra escrita. Além disso, o uso da expressão “criadas negras” permite evidenciar o fosso social e cultural que o separa das empregadas.

Outro ponto que merece ser retomado é o espaço. As personagens encontram-se em um quarto de hotel de luxo, mas desempenham funções diferentes ali. As mulheres exercem um trabalho servil, subalterno em outro país, apenas adquirem visibilidade a partir do relato oral centrado no imaginário africano que é uma forma de afirmação da identidade. Já o homem está a negócios em Lisboa, vive em outra parte da Europa, logo em constante deslocamento, em trânsito. Não é possível afirmar a sua origem, mas a visão de mundo eurocêntrica lhe é muito própria. Considere-

ra-se superior a todos nesse ambiente, especialmente, em relação às mulheres. E sendo a nomeação uma marca identitária, vale lembrar que as personagens são generalizadas, reconhecidas por suas funções e/ou nacionalidades. Enfim, ambos estrangeiros, porém com as marcas de suas respectivas identidades.

E até quando estaremos destinados a ser enquadrados/rotulados “normais” e “loucos”; “civilizados” e “incivilizados”; “centrais” e “periféricos”? Essa visão dicotômica de mundo precisa ser superada, a conscientização de que somos diferentes faz-se necessária e urgente, especialmente, em sociedades híbridas para que assim possa haver mais respeito e tolerância, aspectos fundamentais para vivermos bem em sociedade.

A arte literária permite-nos refletir sobre a nossa relação com o mundo, até que ponto avançamos, o quanto temos que progredir, ou, simplesmente, apresenta-nos nosso espelho.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENJAMIN, Walter. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: _____. *Obras escolhidas I: Magia e técnica, arte e política*. Trad.: Sérgio Paulo Rouanet. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 2012.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos*. 24. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.

GERSÃO, Teolinda. A mulher que prendeu a chuva. In: _____. *A mulher que prendeu a chuva e outras histórias*. Lisboa: Sextante, 2007.

GOMES, Renato Cordeiro. Narrativa e paroxismo: será preciso um pouco de sangue verdadeiro para manifestar a crueldade? In: DIAS, Ângela Maria; GLENADEL, Paula. (Orgs.). *Estéticas da crueldade*. Rio de Janeiro: Atlântica, 2004.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HAMPÂTÉ BÂ, Amadou. Palavra africana. *O Correio da Unesco*, Paris/Rio de Janeiro, 1993, ano 21, n. 11, p. 16-20.

HOBBSAWM, Eric J. *Da Revolução Industrial inglesa ao imperialismo*. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

KABWASA, Nsang O’Khan. O eterno retorno. *O Correio da Unesco*, Brasil, 1982, ano 10, n. 12, p. 14-15.

LOURENÇO, Eduardo. *Nós e a Europa ou as duas razões*. 4. ed. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1994.

PADILHA, Laura Cavalcante. *Entre voz e letra: o lugar da ancestralidade na ficção angolana do século XX*. 2. ed. Rio de Janeiro: Eduff/Pallas, 2007.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade*. 13. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: _____. (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.